

Este material foi testado com as seguintes questões de acessibilidade:

- PDF lido por meio do software *NVDA* (leitor de tela para cegos e pessoas com baixa visão);
- Guia da *British Dyslexia Association* para criar o conteúdo seguindo padrões como escolha da fonte, tamanho e entrelinha, bem como o estilo de parágrafo e cor;
- As questões cromáticas testadas no site *CONTRAST CHECKER* (<https://contrastchecker.com/>) para contraste com fontes abaixo e acima de 18pts, para luminosidade e compatibilidade de cor junto a cor de fundo e teste de legibilidade para pessoas daltônicas.

Arteveg: fundamentos ético-estéticos e ações de extensão para socialização da pesquisa

Arteveg: ethical-aesthetic foundations and extension actions for socialization of research

Arteveg: fundamentos ético-estéticos y acciones de extensión para socialización de la investigación



Cláudio Tarouco de Azevedo

Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Carreiros, Rio Grande do Sul, Brasil
claudiohifi@yahoo.com.br



Tatiane Carijio Zucchetti

Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Carreiros, Rio Grande do Sul, Brasil
tatizucchetti28@gmail.com



Nyala Emília Dahmer dos Santos

Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Carreiros, Rio Grande do Sul, Brasil
nydahmer@gmail.com

Resumo: Este artigo tem como objetivo discorrer sobre o termo *arteveg* e apresentar algumas ações extensivas para a promoção e socialização da pesquisa realizada no âmbito da Iniciação Científica. O texto está separado em três tópicos: “A conexão”, “*Arteveg*: arte de reverência pela vida” e “Ações de extensão: socializando a pesquisa”. Inicialmente, o escrito aborda um pouco da relação das autoras com o tema e com os animais não humanos. Na sequência buscou-se fundamentar o termo *arteveg* através de autores como Albert Schweitzer, Nicolas Bourriaud, Félix Guattari e Katia

Canton. Para isso, contextualizou-se os direitos animais, as micropolíticas e a arte como manifestação para a tomada de consciência crítica, sensível e transformadora da realidade. A partir da pesquisa e das ações de extensão, promovemos o respeito e a sensibilidade perante os animais não humanos. Percebe-se que a *arteveg* pode ser um caminho de atitudes em direito à vida de todos os seres.

Palavras-chave: *arteveg*; arte; direito dos animais não humanos; reverência pela vida; ações de extensão; socialização da pesquisa.

Abstract: This article aims to discuss the term *arteveg* and present some extension actions for the promotion and socialization of research carried out within the scope of Scientific Initiation. The text is divided into three topics: "The connection", "*Arteveg*: art of reverence for life" and "Extension actions: socializing research". Initially, the writing addresses a little of the authors' relationship with the theme and with non-human animals. Subsequently, we sought to substantiate the term *arteveg* through authors such as Albert Schweitzer, Nicolas Bourriaud, Félix Guattari and Katia Canton. For this, animal rights, micropolitics and art were contextualized as a manifestation for critical, sensitive and transforming awareness of reality. From the search and from extension actions we promote respect and sensitivity towards non-human animals. It can be seen that *arteveg* can be a path of attitudes towards the right to life of all beings.

Keywords: *arteveg*; art; non-human animal rights; reverence for life; extension actions; research socialization.

Resumen: Este artículo pretende desarrollar el término *arteveg* y presentar algunas acciones de extensión para promoción y socialización de la investigación realizada en el ámbito de la Iniciación Científica. El texto se divide en tres temas: "La conexión", "*Arteveg*: el arte de reverencia por la vida" y "Acciones de extensión: socializando la investigación". Inicialmente, el escrito aborda un poco la relación de los

autores con el tema y con los animales no humanos. Posteriormente, el término *arteveg* fue fundamentado por autores como Albert Schweitzer, Nicolas Bourriaud, Félix Guattari y Katia Canton. Para esto, se contextualizaron los derechos de los animales, la micropolítica y el arte como manifestación para la toma de conciencia crítica, sensible y transformadora de la realidad. A partir de acciones de investigación y divulgación, promovemos el respeto y la sensibilidad hacia los animales no humanos. Se puede ver que el *arteveg* puede ser un camino de actitudes hacia el derecho a la vida de todos los seres.

Palabras clave: *arteveg*; arte; derecho de los animales no humanos; reverencia por la vida; acciones de extensión; socialización de la investigación.

Data de submissão: 31/05/2022

Data de aprovação: 14/08/2022

Introdução

O presente artigo tem como objetivo estudar e discorrer sobre o termo *arteveg*, apresentando uma ação extensiva de promoção e socialização da pesquisa de Iniciação Científica realizada. Essa ação destinou-se a compartilhar gratuitamente um *fanzine*¹ contendo trabalhos de artistas que produzem uma arte implicada com os direitos dos animais não humanos². Algumas de suas obras são motivadas por suas implicações com um estilo de vida *veg*, ou seja, vegetariana ou vegana. Este texto é resultado de uma escrita coletiva; por isso, haverá oscilação entre primeira pessoa (principalmente no item intitulado “A conexão”) e terceira, pois algumas experiências narradas versam sobre o contexto particular de cada pesquisador(a).

Metodologicamente o estudo se deu a partir de um processo de Análise Institucional (BAREMBLITT, 2002), de onde foi possível prospectar o campo de análise (diferentes referências bibliográficas e conceituais) e o de intervenção (breve formulário destinado a artistas para submeterem seus trabalhos a proposta de um *zine* e posterior distribuição do mesmo, em uma feira local, a partir de uma ação extensionista). Este último campo destina-se a

¹O termo *fanzine* é uma junção de *fan* (do inglês, fã) com *magazine* (do inglês, revista), resultando em “revista de fãs”. Também se utiliza a simplificação “*zine*” para esse tipo de produção, que pode possuir diversos formatos e tratar de diferentes temas.

²A partir daqui, neste texto, sempre que aparecer a expressão “direito animal” estaremos nos referindo ao direito dos animais não humanos. Essa menção se faz importante e necessária por nos considerarmos dentro da mesma categoria animal em que somos somente uma das tantas espécies que a compõem.

autoanálise e a autogestão para a produção dos dados da pesquisa. Implicados com essa concepção de *arteveg*, mobilizamos nossa autogestão para a criação artística e confecção de uma publicação coletiva de artistas em formato de *zine*.

No campo de análise os recursos utilizados foram: revistas de arte, *Google Acadêmico*, periódicos, *sites* de bienais, de organizações ligadas aos direitos animais, mostras de cinema etc. Uma das nossas dificuldades foi encontrar artistas específicos que trabalham com a temática. Como descritores de busca, utilizamos termos como “arte e direito animal”, “arte vegana”, “arte vegetariana”, “*arteveg*”, entre outros. No entanto, até o momento já conseguimos realizar um levantamento razoável de artistas, poucos(as) são brasileiros(as).

Cabe salientar que, ao pesquisar o denominador *arteveg*, encontramos duas referências principais: Um site intitulado *Cultura Veg*, que trata de diversos assuntos ligados ao vegetarianismo e veganismo; Um grupo na rede social *Facebook* chamado *Arte Veg'*, um espaço para difundir a arte vegana. Porém, entendemos o termo *arteveg* junto por considerar as implicações entre o fazer artístico e o estilo de vida de maneira integrada e indissociada.

No campo de intervenção, para auxiliar na produção de dados, fizemos um breve questionário para submissão de trabalhos para a criação de um *zine* com o intuito de promover a pesquisa e socialização da mesma. A exigência para submeter os trabalhos era que os mesmos possuíssem

motivações com o tema “direitos animais”. Além disso, foi realizada uma intervenção em uma feira local para difusão e discussão com a comunidade sobre esse tipo de arte e suas implicações com a qualidade da vida na Terra.

A conexão

Neste item apresentamos alguns depoimentos e experiências particulares correspondentes a cada um(a) de nós. Sempre que isso ocorrer estaremos destacando o trecho do depoimento em itálico para uma melhor compreensão da oscilação de tempo verbal e suas conexões autobiográficas entre autores.

Intervir em nome da vida é preciso, indicavam as minhas pesquisas no âmbito da pós-graduação em Educação Ambiental. A conexão aproximou o amor pelos animais e pessoas com o desejo de produzir um tipo de arte alimentada por essas implicações vegetarianas. Do mesmo jeito, ocorreu a união entre as pessoas que escrevem este texto. Sempre amamos os animais, mas, de alguma maneira, a pandemia nos trouxe novos ensinamentos. No início de 2020 passei a conviver mais com as vacas que moram em um campo, em frente à minha casa. Nas primeiras investidas, elas não me deixavam tocá-las, tampouco permitiam aproximações. Com o tempo foram autorizando que eu me deitasse perto e lesse para elas, a cada dia que passava, mais aceitavam que eu me aproximasse delas.

Certo dia, uma delas, a Glória, permitiu que eu tocasse na sua cabeça e fizesse carinho, quando me dei conta, estava deitada e encostada nela. Quando eu a chamava, ela vinha. Depois que a Glória permitiu dar carinho e amor a ela, as outras foram, aos poucos, me permitindo ter mais proximidade. Acho que foram percebendo que eu não oferecia perigo e as expressões de afeto foram se intensificando com o passar dos dias.

Aos poucos fomos estabelecendo uma relação de confiança e reciprocidade que fez com que elas me deixassem fazer parte do grupo. Enquanto a Pablo estava dando à luz, eu estava em minha casa. Em certo momento, olhei para o campo e percebi que todas as vacas estavam em círculo ao redor da Pablo. Olhei melhor e descobri o motivo, ela estava tendo a Pequena, sua filha. Saí correndo imediatamente para poder ver de perto. Elas mais uma vez me surpreenderam me deixando ficar ali, deitada com elas, vendo aquele pequeno ser vir ao mundo. Pouco a pouco, uma por vez ia até a Pequena dava uma lambida e saía, como se estivessem dando as boas-vindas a ela. Até que me permitiram fazer o mesmo, ir até a pequena e a acariciar dando as boas-vindas.

A partir desse dia, a minha conexão com as vacas se tornou algo que eu nunca imaginei que teria, principalmente com a Pequena. Foi a partir dessa conexão e das coisas que eu aprendo com elas todos os dias, que consegui tomar um importante passo que eu protelava há anos na minha vida, decidi que a partir daquele momento, eu deveria parar de comer carne. Eu não poderia comer aqueles que me acolhem e

me dão amor sem pedir nada em troca. Reconheci que a minha dieta tinha relação direta em compactuar com a morte de diversos animais não humanos.

Compartilho essa história porque somente decidi parar de comer carne, quando percebi que devia algo às vacas e a todos os animais não humanos. Nesse momento, levei essa proximidade com esses seres a um dos autores deste trabalho, que também é vegetariano e luta pela causa animal; e, também, a minha amiga e colega de pesquisa. De imediato, pensamos juntos em algo que podíamos fazer e foi assim que esta investigação surgiu. Este trabalho, portanto, é dedicado a todos os animais não humanos, em especial às vacas da frente da minha casa que me acolhem todos os dias demonstrando, com esse gesto, que são seres repletos de amor e ensinamentos necessários para um outro mundo possível.

Para mim, autora S, falo de um outro ponto de vista, acredito que só passamos a nos movimentar quando algo nos causa revolta; essa frase se mantém na vanguarda da minha mente, sempre pesando nas mudanças que vejo em mim, desde que iniciei esse processo. De onde parti e para onde vou? Meu destino ainda é incerto quanto ao papel que posso vir a desempenhar dentro do movimento de direitos animais, mas é certo que apoiarei de todas as formas viáveis. É impossível, depois de abrir os olhos, voltar a fechá-los.

Quando entrei no projeto, tudo era muito novo. Já havia conhecido uma parcela da comunidade veg, aquela que não vê problema com nosso modelo de exploração do agronegócio, que não apoia minorias; pior ainda, não vê conexão entre os

assuntos, só quer fazer receitinhas e tomar seu café com leite de amêndoas. A parcela que infelizmente tem visibilidade e pouco conteúdo. Mas ao ver artes que advogam pela vida, ler obras que transmitem amor e conhecer pessoas engajadas na luta pelos direitos animais não humanos, percebi que estava em meio a um processo de amadurecimento pessoal. Encontrei empatia e desejo de lutar, mas também raiva e revolta. Encontrei-me em uma boia salva-vidas, pois, quanto mais eu aprendo e sinto esperança, mais sinto raiva e injúria.

Percebo a atualidade desse assunto sobre direitos animais, mas, ao mesmo tempo, me dou conta de que os mesmos problemas de hoje já existiam há muito tempo, e ainda não foram resolvidos. Os problemas ambientais relacionados ao desmatamento e à ampliação da agropecuária industrial e transgênica, por exemplo, já existem há algumas décadas. É urgente a mudança nos modos de nos relacionarmos com o outro, humano e não humano, a vida humana também depende disso.

Acima de tudo, descobrir verdades cruas sobre mim, a crueldade que nunca notei infligir contra os animais não humanos me aborreceu ao ser direcionada a animais humanos também. Vejo hoje que isso é relativo a influência cultural, ou melhor, o papel coercitivo que esta empenha. É naturalizado de tal forma que não nos perguntamos nem agimos quando alguém é ridicularizado por estar à margem da sociedade, ignoramos. Pensamos “bem feito” e isso está errado. Ninguém merece sofrer, nem humanos tampouco as demais espécies. Precisamos exigir direitos para ambos em igual medida,

revoltará muita gente, mas, neste caso, deveremos nos perguntar: por quê?

Após essas experiências e percepções que nos conectam vamos partir para o tópico que fundamenta teoricamente alguns aspectos que envolvem o conceito de *arteveg*, essa arte que compõe uma das linhas do grupo de pesquisa do qual somos parte.

Arteveg: arte de reverência pela vida

Criam-se novas modalidades de subjetivação assim como um artista plástico cria novas formas a partir da paleta à sua disposição. O que importa é nossa capacidade de criar novos arranjos dentro do sistema de equipamentos coletivos, formado pelas ideologias e categorias de pensamento, criação que apresenta várias semelhanças com a atividade artística (BOURRIAUD, 2009, p. 43).

Nesse movimento de “criar novos arranjos”, vislumbramos a *arteveg* como uma possibilidade de sinalizar o que já vem ocorrendo e dimensionar o por vir. As Artes Visuais existem desde que o ser humano viu a necessidade de representar a partir da imagem; ela atravessou diversos momentos históricos e passou por muitas vanguardas, adentrando contextos da macro e da micropolítica. “É importante salientar que apesar de serem conceitos distintos, macropolítica e micropolítica pertencem ao mesmo conjunto, ou seja, tudo é político, mas toda política é

ao mesmo tempo macropolítica e micropolítica” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 83). Essas duas instâncias podem funcionar como “novas modalidades de subjetivação” para o mundo da arte. Nossa busca esteve concentrada no âmbito micropolítico das práticas artísticas, mais especificamente no que tange a produção de artistas que versam sobre trabalhos que mobilizem o olhar na direção dos direitos animais.

Segundo Katia Canton, a “arte provoca, instiga e estimula os nossos sentidos, descondicionando-os, nos tirando de ordens preestabelecidas e sugerindo ampliadas possibilidades de viver e organizar-se no mundo” (2009, p. 12), ou seja, a arte tem o poder de nos tirar da nossa zona de conforto e nos fazer refletir e criar pensamentos críticos sobre as coisas e as relações humanas estabelecidas.

Durante o seu livro, *Da política às micropolíticas*, a escritora visa apresentar como a arte contemporânea é refletida nas atitudes sociopolíticas em nosso dia a dia. Ela diz que:

Artistas e pensadores substituem a noção de Política, com “P” maiúsculo mesmo, pelas micropolíticas – a saber, uma atitude focada em questões mais específicas e cotidianas, como o gênero, a fome, a impunidade, o direito à educação e à moradia, a ecologia, enfim, a tudo aquilo que nos diz respeito e nos faz viver em sociedade (CANTON, 2009, p. 15).

No presente trabalho, como já dito anteriormente, focamos na especificidade cotidiana relacionada ao universo *veg*. Assim, chegamos ao que nomeamos de *arteveg*, uma

arte de reverência pela vida. Para Albert Schweitzer³ “a reverência pela vida, *veneratio vitae*,⁴ é o triunfo mais direto e, ao mesmo tempo, o mais profundo da minha vontade de viver” (SCHWEITZER, 1962, p. 21-22). Canton utiliza a expressão como definidora de sua perspectiva ética denominada “ética de reverência pela vida”.

Associamos essa dimensão ética com uma atitude sociopolítica que envolve e determina os processos criativos da *arteveg*. No livro de Canton, ela entrevista alguns artistas, buscando conceituar o papel das artes no âmbito das micropolíticas. Sendo assim, podemos destacar a fala do artista Jaime Spitzconvsky, que, na sua opinião, percebe que os artistas, em vez de defender suas posições políticas no meio partidário, optam por canalizar suas atuações artísticas e vontade de expressar seus pontos de vista políticos, encontrando na arte um espaço onde se sentem à vontade de expressar os mesmos (CANTON, 2009).

Canton ainda entrevista o filósofo Peter Pál Pelbart. Ele explica como os artistas agiram no Brasil durante a ditadura militar, quando produziam obras de forte caráter político de cunho figurativo. Ele ainda diz que os artistas buscavam estampar imagens marcantes em suas artes, exibindo sangue, caveiras, bananas, ossos, tentando criar metáforas para as situações de violência, impunidade, despotismo, ausência de liberdade, práticas de tortura, dentre outras (2009, p. 28). Os artistas que hoje militam pelos direitos

³Albert Schweitzer (1875-1965) foi músico, filósofo e médico alemão. Construiu um hospital em Lambarene – Gabão, na África. Recebeu o prêmio Nobel da Paz em 1952.

⁴*Veneratio vitae*, do latim, que significa “reverência pela vida”.

animais, muitas vezes se utilizam dos meios citados por Pelbart na entrevista cedida à Canton. Alguns apresentam em suas obras, através de pinturas, fotografias, vídeos etc., estratégias marcantes e impactantes como sangue, a mutilação e todos ataques sofridos pelos animais não humanos pelas mãos humanas.

Desta forma, acreditamos que as artes podem mobilizar a tomada de consciência e a transformação de atitudes pelos direitos animais. Vindo ao encontro disso, realizamos alguns levantamentos com o intuito de ampliar o conceito de *arteveg* e demonstrar seu papel e importância. Não encontramos textos específicos contendo o termo, porém utilizamos outros materiais com e sem relação com a arte para nos auxiliar na fundamentação dessa expressão, que contribui para a dimensão micropolítica de uma arte na luta pelas demais formas de vida.

O humano tem engendrado uma cultura destrutiva em relação às demais espécies e ao meio ambiente. O consumo da carne, segundo o documentário *A carne é fraca* (2005) produzido pelo Instituto Nina Rosa, traz nefastas consequências ambientais, éticas e para a saúde humana. Fora isso, a indústria da carne não respeita os animais não humanos, os tratando como objetos, como mercadorias, que não possuem sentimentos e não sentem dor. Isso faz desse mercado um sistema desumano e antiético perante esses seres que não conseguem se defender. Esse tipo de relação de supremacia fica explícita a seguir.

O principal mecanismo de enfrentamento empregado pelos humanos foi a adoção da visão de que eram separados e moralmente superiores aos outros animais. [...] A relação dos humanos com outros seres tornou-se o que é hoje - uma relação de dominação, controle e manipulação - com os humanos tomando decisões de vida ou morte a respeito do que agora eram “seus” animais (PATTERSON, 2001, p. 23, tradução nossa)⁵.

No livro *Eternal Treblinka: Our Treatment of Animals and the Holocaust*, Charles Patterson conduz o leitor pelo tortuoso caminho da história, desde os primórdios com a adaptação do *homo sapiens*, de presa a caçador, até a conexão vil entre a lógica dos matadouros e as crueldades do genocídio nazista.

Segundo Patterson (2001), a partir do momento em que o ser humano passou a domesticar e escravizar os animais, uma mudança social aconteceu. As relações de equidade entre humanos e animais não humanos cessaram, e o mesmo ocorreu com outros humanos. Tal violência permitiu o desenvolvimento de uma sociedade baseada na opressão e dominação dos corpos.

Ele diz ainda que o ser humano desenvolveu técnicas de enfrentamento a fim de se dessensibilizar da barbárie, por meio da negação, racionalização e apropriando-se de eufemismos, e que o mecanismo aperfeiçoado ao maior

⁵No original: The main coping mechanism humans employed was the adoption of the view that they were separate from and morally superior to the other animals [...] The Relationship of humans to other beings became what it is today—one of domination, control, and manipulation—with humans making life-or-death decisions concerning what were now “their” animals.

nível foi a internalização do pensamento de que humanos eram diferentes e moralmente superiores aos outros animais (PATTERSON, 2001). Quando fala sobre matadouros, a narrativa muda; o leitor tem em primeira mão como é estar dentro de um matadouro. Patterson cita S. Coe⁶:

Dentro está uma vaca. Ela não foi dopada, apenas escorregou e caiu no sangue. Os trabalhadores foram almoçar e a deixaram. O tempo passa. Ocasionalmente, ela luta, batendo nas laterais do invólucro de aço com os cascos. Como se trata de uma caixa de metal, isso se transforma em marteladas altas, depois em silêncio, e em seguida em marteladas. Uma vez ela levanta a cabeça o suficiente para olhar para fora da caixa, mas vendo os corpos pendurados, ela cai para trás novamente [...] (COE, 1995, *apud* PATTERSON, 2001, p. 74, tradução nossa⁷).

Desta forma, buscamos apresentar como o que estamos chamando de *arteveg* pode auxiliar no processo de tomada de consciência crítica e sensível para que cada vez mais pessoas possam ter acesso ao debate necessário e urgente sobre o direito e respeito às demais formas de vida.

Segundo Carlos Naconecy:

⁶COE, Sue. *Dead Animals*. Nova Iorque: Four Walls Eight Windows, 1995.

⁷No original: Inside is a cow. She has not been stunned and has slipped and fallen in the blood. The men have gone to lunch and left her. Timepasses. Occasionally she struggles, banging the sides of the steel enclosure with her hooves. As this is a metal box, it becomes aloud hammering, then silence, then hammering. Once she raises her head enough to look outside the box, but seeing the hanging corpses, she falls back again [...].

Mais recentemente, se percebeu que a maior parte do sofrimento animal pelas mãos humanas não é consequência de crueldade, mas da utilização normal e socialmente aceita dos animais. Constatou-se que a imensa magnitude da miséria animal não deriva de motivos sádicos, mas de razões nobres e altos ideais, como, por exemplo, a eficiência na obtenção de alimentos (2006, p. 18).

“O fascínio humano com os animais manifesta-se no desejo de possuí-los, estudá-los, observá-los ou simplesmente de estar próximo a eles, o que muitas vezes os leva a uma vida em confinamento” (MACEDO, 2007, p. 94). Ou seja, o fascínio humano e a naturalização utilitária configuram um antropocentrismo egoísta, a partir do momento em que acreditamos que os animais não humanos são seres inferiores a nós, e, por isso, devem servir às nossas vontades e desejos.

Naconezy (2006) ainda afirma que o tratamento que damos aos animais é antiético. Os animais não humanos não são como nós, porém são suficientemente semelhantes para que sejam incluídos na comunidade moral. Existe uma guerra sendo travada todos dias contra diversos animais, eles não podem se proteger, pois são fracos e vulneráveis; por isso, se eles não podem falar para se defender, precisam que alguns de nós, humanos, façamos, os protegendo da insensibilidade e da ganância da outra parte.

Seguindo nessa linha, Tom Regan nos explica que, pessoas como nós, que acreditam nos direitos dos animais

sentem, em relação a águias e elefantes e porcos e toninhas, a mesma coisa que a maioria sente em relação a gatos e cães. Não me entenda mal. Nós, defensores dos direitos dos animais [...], não queremos porcos dormindo nas nossas camas, nem elefantes guiando nossos carros. Não queremos fazer desses animais nossos “bichos de estimação”. O que nós queremos é mais simples: só queremos que as pessoas parem de fazer coisas terríveis com eles (2006, p. 15).

Existe um livro, que gosto muito, em que cada capítulo corresponde a um animal de um santuário; a autora escreve como se fosse os próprios animais falando. Um trecho é dedicado ao Mestre cavalo Irineu; ele discorre sobre o egoísmo humano perante os animais:

Nós, animais, estamos mais ligados ao espírito porque nossa mente não tem a sofisticação traiçoeira de todas as ramificações egóicas que a de vocês alcançou. Esta pretensão egoísta que tudo foi feito para vocês e gira em função da tua história. A história é uma só: a da vida. Vida em mim, vida em você. Vida que é. A vida que “está” é a que corre em mim, na Patrícia e no Vitor. E em cada um na temporalidade das eras. A vida que é anima todos os raios de luz que brilham nos mundos. Ou que se recusam a brilhar. Ali também na escuridão, está a divindade, que tudo nutre, permitindo que cada um de nós escolha onde deseja ir. É muito respeito que a Existência tem por nós (FAVANO, 2018, p. 14).

Mestre Irineu, através de suas palavras, tenta nos mostrar o quanto somos egoístas por termos pensamentos

egocêntricos perante os outros seres. Ele também nos diz que a vida está em todos, independentemente de quem seja, que todas as vidas merecem respeito (FAVANO, 2018).

Trazendo para o âmbito da arte, o livro *The postmodern animal* de Steve Barker (2000) traz a imagem do animal, o papel e seu lugar no mundo da arte. Ele busca explorar como a imagem do animal tem sido usada na arte contemporânea e na filosofia para moldar ideias sobre identidade e criatividade.

A própria ideia de um animal "pós-moderno", embora vagamente o termo seja empregado, inevitavelmente provoca a pergunta 'o que era o animal *moderno*?' A hipótese do *Animal Pós-moderno* (título do livro) é que não havia nenhum animal moderno, nenhum animal "modernista". Entre o simbolismo animal do século XIX, com sua razão habilmente seguro sobre o significado, e as imagens do animal pós-moderno cuja ambiguidade ou ironia ou presença bruta absoluta serve para resistir ou deslocar significados fixos, encontra-se o modernismo no seu estado mais árido. Essa hipótese, deve-se dizer, é essencialmente arte-histórica em suas ênfases: tem a ver especificamente com *a aparência do corpo do animal*, e com que aparência era entendido para dizer sobre o artista responsável pela representação (BAKER, 2000, p. 20, tradução nossa)⁸.

O animal pós-moderno descrito por Baker é incrivelmente atual. A representação do ser 'animal', dentro do tema reverência pela vida, surge nas obras de formas muito distintas, por vezes, com presença esmagadoramente crua, cujos sentimentos despertados causam pavor e angústia. Em outras ocasiões lembram o amor, o animal se faz visível e a esperança também. Portanto, refletir sobre a palavra carne e animal é fundamental para mensurar a temática apresentada.

⁸No original: The very idea of a 'postmodern' animal, however loosely the term is employed, inevitably provokes the question 'what was the modern animal?' The Postmodern Animal's hypothesis is that there was no modern animal, no 'modernist' animal. Between nineteenth-century animal symbolism, with its reasonably secure hold on meaning, and the postmodern animal images whose ambiguity or irony or sheer brute presence serves to resist or to displace fixed meanings, lies modernism at its most arid. This hypothesis, it must be said, is essentially art-historical in its emphases: it is specifically to do with the look of the animal body, and with what that look was understood to say about the artist responsible for the representation.

Na introdução de Tim Ingold (2007) em *What is an animal*, o antropólogo discute sobre como historicamente a humanidade sempre buscou diferenciar-se dos animais não humanos e que essa definição muda com cada cultura que se interpõe. Aborda ainda, brevemente, o capítulo de Mary Midgley sobre a utilização de palavras que separam humanos de inumanos, algo que Carol J. Adams (2012) se apropria em *A Política Sexual da Carne* com enfoque diferente.

Enquanto Ingold (2007) discute a utilização de termos sinônimos a “animal” que costumam ser usados para descrever o que não é humano de forma negativa, Adams e sua pesquisa transportam o leitor para um momento posterior, sobre a carne, o animal que já não está mais vivo e é usado para consumo. Ela fragmenta esse conceito em etapas, inicia-se com a literatura e sua obsessão em separar a figura feminina da carne, do animal, do bestial. Segue-se com a supressão do sujeito não humano quando este é discutido como alimento, como carcaça ao invés de cadáver. Além dos cortes de carne com nomes que não causam repulsa ao comprador; e a palavra carne, que quase nunca é usada ao se referir ao ser humano.

Tais afirmações são expostas em *O referente ausente*, quando ela diz que

a vida dos animais precede e possibilita a existência da carne [e em] nossa cultura mistifica o termo ‘carne’ com a linguagem gastronômica, porque com isso não evocamos morte, animais retalhados, mas apenas cozinha (ADAMS, 2012, p. 77).

Com essa indicação linguística e histórica, que infelizmente permanece presente na contemporaneidade, seguimos para o tópico em que discutiremos a criação de um *fanzine* colaborativo e uma ação de extensão para propagação da *arteveg* para além da comunidade artística e científica.

Fanzine Arteveg: um zine de reverência pela vida

Para a realização do *fanzine* foi divulgado um formulário de inscrição para artistas⁹ que desejassem expor seus trabalhos em *arteveg* para circulação nesse formato. Participaram, da edição aqui apresentada, quatorze artistas que autorizaram a reprodução de suas obras no formato impresso *P&B*. Em sua maioria, são artistas vegetarianos/veganos e/ou motivados, em seus processos criativos, pela causa animal.

A concepção do *zine* foi da *autora Z*, que propôs o formato A5, costurado manualmente com cordão encerado, contendo uma argola de metal que conecta ao *zine* um “brinco” amarelo feito de feltro contendo uma semente crioula (Figura 1). Essa estética dialoga com os brincos de

⁹Para conhecer mais sobre os artistas que participaram da pesquisa e do *zine*, acesse o site <https://artevegrg.wixsite.com/arteveg>

identificação de bovinos. No entanto, carrega consigo uma reflexão de autonomia alimentar, sem sofrimento animal, e promove a matriz crioula como uma fonte orgânica de grãos não transgênicos.

Figura 1 - Zines para distribuição



Fonte: Acervo do grupo de pesquisa ARTÆECOS (2022)

Nosso objetivo é que a semente¹⁰ possa ser plantada e gere uma colheita orgânica e sustentável, sem sofrimento animal. Os grãos são parte do banco de sementes da Associação das Sementes Crioulas do Rio Grande (RS), projeto de preservação do material genético, de multiplicação e manutenção do patrimônio desses grãos.

¹⁰Nossos agradecimentos ao Cledenir Vergara Mendonça, guardião de sementes que realizou a doação dos grãos.

As sementes crioulas, segundo a legislação brasileira, também são chamadas de sementes de variedade local ou tradicional, são aquelas conservadas e manejadas por agricultores familiares, quilombolas, indígenas e outros povos tradicionais e que, ao longo de milênios, vêm sendo permanentemente adaptadas às formas de manejo dessas populações e aos seus locais de cultivo (DIAS *et al.*, 2019, p. 1).

Neste sentido, apoiamos os agricultores que ainda preservam o material genético das sementes crioulas no município.

O *zine* foi dedicado a todos os animais que têm seus destinos traçados pelo cruel mercado da carne. Em especial para as vacas que vivem em frente à casa da *autora Z* e que a acolhem e recebem todos os dias com muito amor e carinho. O *zine* é resultado de um trabalho coletivo envolvendo a pesquisa no campo da arte em nível de Iniciação Científica. É parte de um projeto de pesquisa intitulado “Máquina de invenções: microintervenções artísticas ecosólicas e engrenagens poético/educativas”, na linha de pesquisa *Arteveg: arte de reverência pela vida*. O estudo está vinculado ao Instituto de Letras e Artes (ILA) da Universidade Federal de Rio Grande (FURG), é financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) e configura uma das ações do Grupo de Pesquisa “ARTĒECOS: núcleo de estudos e práticas artísticas ecosólicas – FURG/CNPq”.

Relembramos que a *Arteveg* é um tipo de arte caracterizada pela ética de reverência pela vida e desenvolvida por artistas que desejam promover reflexões e ações pelos direitos dos animais não humanos. Algumas de suas obras são motivadas por suas implicações com um estilo de vida *veg*, ou seja, vegetariana ou vegana.

Definir a ética como o comportamento que visa o respeito diante da vida, nos parece, em sua generalidade, uma definição fria. Mas esta é a única definição completa. A compaixão é por demais restrita para que a consideremos como a essência da ética. Pois compaixão designa somente o participar na vontade de viver de quem está sofrendo. Mas faz parte da ética compartilhar de todas as situações e de todas as aspirações da vontade de viver, de seu prazer, de seu desejo de viver plenamente (SCHWEITZER *apud* BOFF, 2000, p. 67).

Conceituamos a *arteveg* como essa concepção artística capaz de mobilizar os processos criativos na direção da promoção de tudo o que vive, em especial aos animais não humanos.

Uma ética de reverência pela vida pode ser uma ética para com tudo aquilo que nos relacionamos. Cuidar e respeitar o silêncio alheio e o nosso, os nossos espaços de convivência e o inanimado pode contribuir para o exercício de um olhar que se constitui em meio a uma atmosfera de cuidado e vida (AZEVEDO, 2013, p. 69).

Entre os objetivos do nosso *zine* podemos citar: Promover a socialização da pesquisa produzida no âmbito da Iniciação Científica (IC), realizada na universidade; ampliar os espaços de acesso aos dados produzidos com a pesquisa através de ações de extensão junto à comunidade; divulgar a produção artística em *arteveg*; conectar obras e artistas que são impulsionados a criarem, estimulados pelo desejo de transformações nas relações entre humanos e não humanos, por uma vida mais justa, solidária, afetiva e de cuidado coletivo.

Foi produzida uma tiragem inicial de cinquenta exemplares com previsão de mais cinquenta para distribuição entre instituições de ensino e pesquisa, bem como entre os(as) artistas que participaram dessa edição do *zine*. Durante a feira foram distribuídos quarenta e três *zines* (Figura 2). Estiveram prestigiando a ação diversas pessoas que circulavam pela feira do produtor no balneário Cassino, Rio Grande (RS). Entre elas, alguns artistas que participam da ação, professores, outros artistas locais e comunidade em geral.

Figura 2 – Equipe produzindo o *zine*



Fonte: Fotografia de Cláudio Azevedo (2022)

Como resultado, podemos mencionar a possibilidade de estabelecer o diálogo com a comunidade local sobre os impactos da indústria da carne na vida humana, no ambiente, mas principalmente na vida das demais espécies. Discutir sobre a crueldade humana com os demais animais é fundamental para uma transformação de paradigma capaz de promover uma outra ética nas relações interespecies. Valorizar a vida e promover essa tomada de consciência crítica e sensível sobre a realidade é um caminho que a pesquisa precisa trilhar em conjunto com as atividades extensionistas (Figura 3).

Figura 3 – Card de divulgação do evento nas redes sociais



Fonte: Produção visual de Tatiane Zucchetti (2022)

A experiência foi formativa para a comunidade, para os integrantes¹¹ do grupo (Figura 4) e abriu possibilidades de ações futuras. Três professoras da rede pública escolar convidaram integrantes do grupo para irem às escolas propagar a discussão sobre a *arteveg* e impulsionar reflexões e práticas sobre um tipo de arte micropolítica que possa ajudar com os câmbios necessários para uma sociedade efetivamente mais justa, solidária e menos violenta.

¹¹Agradecemos ao grupo que participou da confecção do zine e distribuição na ação de extensão. Da esquerda para a direita, na figura 4: Rafaela Alves de Oliveira Monteiro, Nyala Emília Dahmer dos Santos, Cláudio Tarouco de Azevedo, cão comunitário, Tatiane Carijio Zucchetti, Mariana da Rocha Silva e Matheus de Oliveira Santiago.

Figura 4 – Equipe na ação de extensão na Feira do Produtor, Cassino (RS)



Fonte: Fotografia de Luan Martin (2022)

Considerações

A partir da pesquisa e das ações de extensão promovemos o respeito e a sensibilidade perante os animais não humanos. Percebemos que a *arteveg* pode ser um caminho para atitudes em direito à vida de todos os seres e que a pesquisa precisa estar associada a ações de extensão para fazer circular o conhecimento produzido e fomentar as transformações necessárias para a melhoria da qualidade de vida das demais espécies.

Relembramos que é recorrente, no contexto da história da arte até a contemporaneidade, práticas envolvendo violência com animais não humanos. Precisamos combater

essa falta de compromisso ético no contexto da produção artística. No entanto, optamos por não discorrer sobre essa espécie de artista neste momento. As ações e conceitos expressos neste artigo têm o objetivo de construir entendimentos para que possamos transformar a realidade com atitudes de reverência pela vida e combate a esse tipo de violência e tantas outras correlacionadas com totalitarismos presentes na atualidade e ao longo da história da humanidade.

Em uma sociedade complexa, nós, humanos, somos apenas mais uma das formas de vida. No entanto, somos a que mais impacta o ambiente, estabelece relações de opressão sobre si e as demais espécies, além de promover guerras, genocídios e violências múltiplas. Tomando o termo “esperançar” como empréstimo de Paulo Freire, a *arteveg* pode alavancar essa esperança para a transformação de uma realidade opressiva em um contexto de atitudes de reverência pela vida de todas as espécies.

Referências

- A CARNE É FRACA. DIREÇÃO: DENISE GONÇALVES. SÃO PAULO: INSTITUTO NINA ROSA, 2005. 1 DVD/NTSC (54 MIN), COLOR. GÊNERO: DOCUMENTÁRIO.
- ADAMS, CAROL J. **A POLÍTICA SEXUAL DA CARNE:** A RELAÇÃO ENTRE O CARNIVORISMO E A DOMINÂNCIA MASCULINA. SÃO PAULO: ALAÚDE EDITORIAL LTDA, 2012.
- AZEVEDO, CLÁUDIO TAROUCO DE. **POR UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL BIORRIZOMÁTICA:** CARTOGRAFANDO DEVIRES E *CLINAMENS* ATRAVÉS DE PROCESSOS DE CRIAÇÃO E POÉTICAS AUDIOVISUAIS. 2013. TESE (DOUTORADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL) – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE (FURG), RIO GRANDE, 2013.
- BAREMBLITT, GREGORIO. **COMPÊNDIO DE ANÁLISE INSTITUCIONAL E OUTRAS CORRENTES:** TEORIA E PRÁTICA. BELO HORIZONTE: INSTITUTO FÉLIX GUATTARI, 2002.
- BAKER, STEVE. **THE POSTMODERN ANIMAL.** LONDRES: REAKTION BOOKS LTD, 2000.
- BOFF, LEONARDO. **PRINCÍPIO DE COMPAIXÃO E CUIDADO.** PETRÓPOLIS, RIO DE JANEIRO: VOZES, 2000.
- BOURRIAUD, NICOLAS. **ESTÉTICA RELACIONAL.** SÃO PAULO: EDITORA MARTINS FONTES, 2009.
- CANTON, KATIA. **DA POLÍTICA ÀS MICROPOLÍTICAS.** SÃO PAULO: EDITORA WMF MARTINS FONTES, 2009.
- DELEUZE, GILLES; GUATTARI, FÉLIX. **MIL PLATÔS:** CAPITALISMO E ESQUIZOFRENIA. RIO DE JANEIRO: EDITORA 34, 1996.
- DIAS, KELLI DE SOUZA; ARRUDA, MARCELO FRANCO DE; SILVA, RICARDO MOREIRA DA; LOBTCHENKO, JULIO CESAR PEREIRA; PEREIRA, ZEFA VALDIVINA; LOBTCHENKO, KAREN JULIANE PEREIRA. SEMENTES CRIOLAS: PROMOVEDO A SUSTENTABILIDADE PARA AS COMUNIDADES INDÍGENAS DE ETNIA GUARANI-KAIOWA. *IN:* ENCONTRO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO (ENEPEX), 6., 2019, DOURADOS. **ANAIS [...].** DOURADOS: UFGD, 2019. NÃO PAGINADO. DISPONÍVEL EM: [HTTP://EVENTOS.UFGD.EDU.BR/ENEPEX/ANAIS/ARQUIVOS/4002.PDF](http://eventos.ufgd.edu.br/enepeX/anaIs/Arquivos/4002.pdf). ACESSO EM: 15 JUL. 2022.

FAVANO, PATRICIA ANDRADE VARELA. **Aos Pés dos Mestres**. SÃO PAULO: MAHA COMUNICAÇÕES, 2018.

INGOLD, TIM. **WHAT IS AN ANIMAL?** . TRADUÇÃO: GLÁCIA SILVA E ROSANE PRADO. NITERÓI: EDUFF, 2007. p. 1-16. (ONE WORLD ARCHAEOLOGY SERIES).

MACEDO, SILVANA B. O ANIMAL TELEPRESENTE. **VISUALIDADES** – REVISTA DO PROGRAMA DE MESTRADO EM CULTURA VISUAL, GOIÂNIA, v. 5, n. 1, p. 88-113, 2007.

NACONECY, CARLOS MICHELON. **ÉTICA E ANIMAIS: UM GUIA DE ARGUMENTAÇÃO FILOSÓFICA**. PORTO ALEGRE: EDIPUCRS, 2006.

PATTERSON, CHARLES. **ETERNAL TREBLINKA: OUR TREATMENT OF ANIMALS AND THE HOLOCAUST**. NOVA IORQUE: LANTERN BOOKS, 2001.

REGAN, TOM. **JAULAS VAZIAS: ENCARANDO O DESAFIO DOS DIREITOS ANIMAIS**. PORTO ALEGRE: LUGANO, 2006.

SCHWEITZER, ALBERT. **FILOSOFIA DE LA CIVILIZACIÓN II: CIVILIZACIÓN Y ÉTICA**. BUENOS AIRES: EDITORIAL SUR, 1962.